DE "EQUIPE DO REGIME" AO "TIME DOS GALÁCTICOS": AS TRANSFORMAÇÕES INDENITÁRIAS DO REAL MADRID ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 A 2000

Victor de Leonardo Figols[1]

Resumo: Durante a ditadura de Francisco Franco (1939-1975), o Real Madrid CF passou a ser identificado como a "equipe do regime". Essa identificação se deu devido a aproximação do ditador com o clube, sobretudo, com os seus principais dirigentes. Durante os anos de ditadura, o Real Madrid foi um dos clubes que mais se beneficiou do regime franquista, com o apoio e respaldo das duas principais instituições esportivas da época – *Federación Española de Fútbol* e *Delegacía Nacional de Deportes* –, o clube tinha influência tanto em questões de arbitragem, quanto em decisões de contratação de jogadores. Na década de 1950, as cinco conquistas da Copa da Europa foram usadas pelo ditador para fazer propaganda da Espanha no continente europeu. Entre as décadas de 1980 a 1990, a abertura política e econômica que a Espanha vivia já permitia ao Real Madrid contratar muitos jogadores estrangeiros, mas foi depois da resolução do Caso Bosman (1996), que clube teve acesso as principais estrelas do futebol mundial. Na primeira década do século XXI o Real Madrid já contava com o "time dos Galácticos". A presente comunicação tem como objetivo explorar as mudanças identitárias que o Real Madrid sofreu nas últimas décadas do século XX devido a globalização do futebol espanhol.
Palavras-chave: Real Madrid; Futebol; Globalização.

Introdução – O período pré-Franco

O *Madrid Foot-ball Club* foi fundado em 1902, por dois irmãos catalães: Carles e Joan Padrós. Já em seus primeiros anos de vida, o clube conquistou seus primeiros títulos de relevância nacional, foram quatro títulos do *Campeonato de España* entre 1905 a 1908. Mesmo sendo um clube recente, o Madrid FC já possuía uma base social relevante composta de comerciantes, pequenos empresários, e trabalhadores militares e civis, que eram a base de outras agremiações que deram origem ao clube.

Nos anos 1910, o Madrid teve que se adequar a recém-criada *Real Federación Española de Fútbol* (RFEF), entidade máxima do futebol espanhol. Naquela época, para fazer parte da Federação, os clubes tinham que apresentar, entre outras coisas, estabilidade financeira e política, uma equipe de futebol minimante estruturada, além de garantir um espaço para mandar os seus jogos. Nesse período de adequação, o clube da capital só obteve um título, o campeonato nacional de 1917, mas não o impediu de conquistar mais adeptos e simpatizantes, aumentando ainda mais a sua base social.

Em 1920, o rei Dom Alfonso XIII concedeu o título de *Real* ao clube da capital. Em contrapartida, o clube passou a adotar o símbolo da coroa espanhola em seu escudo, além de estreitar os laços com a monárquica: o rei foi nomeado presidente de honra do clube. Mesmo se aproximando do governo, o Real Madrid foi o primeiro clube espanhol a fazer um tour pela Inglaterra, para disputar jogos amistosos. Em 1927, o clube cruzou a Atlântico para jogar contra equipes dos Estados Unidos da América, México, Cuba, Chile Argentina e Uruguai. (CALLEJA, 2010, p.2-3). O então responsável pelo tour nas Américas, Santiago Bernabéu[2] teria declarado quando retornou a Espanha: "*hemos hecho propaganda españolista*" (GRAN VIDA, 1927.

[1] Doutorando em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: vctr.lf@gmail.com.
[2] Em 1927, Santiago Bernabéu era ex-jogador do clube e estava recém-aposentado quando o tour pelas Américas foi realizado. Mais tarde, ocupou diversos cargos na Junta Diretiva do Real Madrid CF durante os anos de 1929 a 1935. Em 1943 assumiu o cargo de presidente do clube e só saiu em 1978.

Apud: CALLEJA, 2010, p.3). Vale lembrar que a declaração de Bernabéu está inserida no contexto da ditadura de Primo de Rivera (1923-1930), no qual o discurso nacionalista espanholista estava muito presente. Calleja identifica, que nesse período, o clube se aproximava do círculo de grandes empresários, e já era bem quisto por uma parcela elitista da sociedade da capital espanhola (CALLEJA, 2010, p.3).

Os anos 1920 foram decisivos para o Real Madrid se firmar de vez no cenário futebolísticos Espanhol. Ao final daquela década, o clube já contava com o Estádio Charmatín, uma base social composta desde operários até o empresariado de Madrid, se mostrava alinhado e próximo com o governo central (fosse a monarquia de Alfonso XIII ou da ditadura de Rivera), havia estrutura e cumpria as exigências financeiras para fazer parte da recém criada *Liga Española*[3], além de títulos relevantes em território nacional, e certo reconhecimento continental.

No começo dos anos 1930, o Real Madrid estava se estruturando para as competições nacionais, já contava com um dos maiores jogadores da época, o goleiro Zamora. Mesmo com a crise política que culminaria na Guerra Civil (1936-1939), o clube manteve relações com o poder político (CALLEJA, 2010, p.4), além de um grande desempenho esportivo, conquistando quatro títulos em cinco temporadas. Todavia, a Guerra afetou diretamente a vida cotidiana dos clubes de futebol, ainda que as temporadas 1936-1937 e 1937-1938 tenham sido realizadas, os clubes perderam jogares para as trincheiras, viram seus patrimônios sendo destruídos, e tiveram que fazer excursões para fora da Europa para levantar fundos. O Real Madrid ainda tentou competir no Campeonato Catalão, mas foi vetado pelo FC Barcelona.

O Real Madrid de Bernabéu: o "clube do regime"

Ao final da Guerra Civil, e a consolidação do golpe de Francisco Franco, o Real Madrid estava imerso em uma crise financeira, havia perdido boa parte dos seus jogadores, que se exilaram, fugiram, se aposentaram ou lutaram na guerra. A alternativa foi recorrer ao plano de recuperação do então dirigente Santiago Bernabéu, que assumiu a presidência do clube justamente para recolocar o Real Madrid de volta no cenário futebolístico espanhol. Mesmo tendo assumido em 1943, os resultados só viriam 10 anos depois, com a conquista da *Liga Española*. Segundo Steven G. Mandis:

> In 1947, Bernabéu wanted to get the best players for Real Madrid. To pay for them, he did something innovative at the time. He took a huge financial risk and built the biggest soccer stadium to increase ticket revenues, predicting that the best-playing stars would not only win there but would also draw large crowds to the stadium to see them do it. To finance the stadium, which would one day be named after him,56 he sold bonds to the club members and fans. At the time, many thought it was "too much stadium for so little a club." Bernabéu's gamble paid off, and with the larger ticket receipts, Real Madrid was able to afford better players [...] (MANDIS, 2016, p.70).

A figura de Bernabéu foi central no Real Madrid durante a ditadura franquista. Além de ter lutado na Guerra Civil pelas forças nacionalistas, isto é, ao lado das forças falangistas pró-Franco, Bernabéu se tornou amigo pessoal do ditador Franco. Sob a ditadura, e ao longo de toda a gestão de Berabéu, o Real Madrid conquistou dezesseis

[3] A primeira edição ocorreu em 1929, e o FC Barcelona foi consagrado campeão. O clube catalão foi um dos idealizadores da competição.

Ligas, seis *Copas del Generalísimo*, além de seis Copas da Europa no período de 1953 a 1978.

A política esportiva do período franquista foi extremamente complexa. Havia membros do governo e colaboradores em diversas instancias e em todas as entidades esportivas, sobretudo nos clubes de futebol, além disso, a *Federación Española de Fútbol* e *Delegacía Nacional de Deportes* (DND) eram controladas por membros do próprio governo.

São incontáveis as acusações e denúncias dos rivais de que a arbitragem favorecia o Real Madrid, talvez a mais emblemática seja a vitória sobre 11 a 1 sobre o FC Barcelona. Em 1943, Barcelona e Madrid disputavam o jogo de volta da semifinal da *Copa del Generalísimo*, no primeiro jogo, na Catalunha, vitória do time da casa 3 a 0. No jogo de volta, o Barcelona recebeu em seu vestiário a visita dos árbitros, da polícia e de dirigentes. Além da eliminação e sonora da goleada, o clube catalão ainda foi multado e teve se estádio fechado por seis meses devido as hostilidades de sua torcida no jogo de ida. Uma das hostilidades: os torcedores haviam vaiado a Marcha Real da Espanha, um símbolo nacional espanhol.

Por mais de uma vez o Real Madrid se beneficiou na contratação de grandes jogadores. Nos aos 1950, a contratação do jogador argentino Aldredo Di Stéfano foi alvo de disputa entre o Real Madrid e FC Barcelona. O argentino já havia acertado com o clube catalão, quando assinou em definitivo com o Real Madrid. A disputa pelo jogador envolvia diversas entidades esportivas, mas a resolução do caso só veio diante ao veredito final da DND, influenciada pelo Real Madri e pelo governo, a entidade definiu que o jogador pertencia ao Real Madrid e jogaria em temporadas alternadas no FC Barcelona. O clube catalão recusou a proposta, e Di Stéfano se torno o maior jogador da história do clube merengue.

Após a resolução do caso, o *Ministério del Deporte*, criou regras para limitar o número de contratações de jogadores estrangeiros por clube. Essas regras sofreram diversas alterações entre as décadas de 1950 a 1970, na maioria das vezes, favorecendo o Real Madrid. Ao mesmo tempo, a DND e RFEF, responsáveis por fiscalizar as regras de contração, faziam vista-grossa quando o Real Madrid descumprias alguma das regras.

Nesse mesmo período, Bernabéu – com o respaldo do governo espanhol, e do próprio Franco – ajudou a criar Taça dos Campeões da Europa[4]. Segundo Mandis, o objetivo era "*showcase the team and build the Real Madrid brand beyond Spain*" (MANDIS, 2016, p.75). O Real Madrid conquistou os cinco primeiros títulos da competição, entre 1955 a 1960. O sucesso esportivo do Real Madrid na Europa, fez Franco a utilizar o futebol para fazer propaganda positiva do seu governo em todo o continente (Ver: VIUDA-SERRANO, 2013). Ainda que com alguns objetivos diferente, tanto Bernábeu, quanto Franco, buscaram aproximar o Real Madrid com uma ideia de Espanha, utilizando do futebol para promover o país na Europa.

Para Daniel Gómez, a identificação do Real Madrid como sendo o "clube do regime", pode ser explicada pela: *"[...] falta de una selección nacional española potente, de la que poder presumir ate el mundo, el Real Madrid ocupó ese lugar y hasta se apropió del viejo mito de la 'fúria espanola'. La identificación entre el régimen y la entidad presidida por Bernabéu era más do que estrecha, total.*" (GÓMEZ, 2007, p. 53). Já para Duncan Shaw, o Real Madrid representava a Espanha, e esta, por sua vez,

[4] Ou simplesmente Copa da Europa.

era representada por Fraco. Assim, o clube merengue representava não apenas o país, mas também o regime franquista (SHAW, 1987, p.59).

A globalização do futebol: a construção do "time dos galácticos"

Após a morte do ditador Francisco Franco (1975) a Espanha viveu o período de Transição Democrática, no qual houve um grande processo de abertura política e econômica. Os efeitos dessa abertura do Estado espanhol foram sentidos no futebol, as décadas de 1980, 1990 e 2000 foram marcadas por mudanças profundas, que podem ser entendidas como parte do processo de globalização do futebol espanhol. Tal processo pode ser enxergado na quebra de monopólio estatal nas transmissões de futebol; a entrada de capital estrangeiros nas redes televisivas das Comunidades Autônomas, e das redes nacionais; a transformação dos clubes em *Sociedad Anónima Deportiva* (1990); as mudanças na legislação para contração de jogadores estrangeiros; e a abertura do mercado europeu para jogadores estrangeiros após a resolução do Caso Bosman (1996).

Para compreender a formação do "time de galácticos" do Real Madrid é preciso considerar a abertura do mercado Europeu após o Caso Bosman, que teve com efeito prático um aumento significativo na circulação de jogadores europeus, e de outras partes do mundo. De 1996 a 2005, valendo-se de uma política neoliberal e da mercantilização dos jogadores de futebol (SOTO, 2014, p.135), o Real Madrid contratou a base dos "galácticos": Roberto Carlos, Luís Figo, Zinedine Zidane, Ronaldo, David Beckham e Sergio Ramos.[5]

O então presidente do clube, Florentino Pérez se baseou na antiga ideia de Bernabéu de contar com os melhores jogadores do mundo, mas agora se valendo da lógica mercantil do futebol mundial. A opção por contar com os melhores (e mais caros) jogadores do cenário mundial fizeram o Real Madrid assumir uma estratégia econômica-empresarial. Em termos esportivos o clube merengue conquistou, no período de 1996 a 2005, quatro títulos da Liga e três Liga dos Campeões da UEFA, ajudando a construir a identidade de um clube vitoriosos, moderno e global.

Deste modo, a presente comunicação tem como objetivo explorar as mudanças identitárias que o Real Madrid sofreu nas últimas décadas do século XX, levando em consideração a aproximação do regime franquista com o clube e a globalização do futebol espanhol. Para isso, o material selecionado para pesquisa são os periódicos espanhóis: *La Vanguardia*, *ABC*, *El País* e *Deia*, além das legislações televisivas que interferiram no futebol, da legislação esportiva que alterou a razão social dos clubes, e das legislações específicas voltadas para regulamentar a transação e contratação de jogadores, em nível nacional e continental.

Referências Bibliográficas

CALLEJA, Eduardo González. "El Real Madrid, ¿'Equipo del Régimen'?. *Esporte e Sociedade*, ano 5, n.14, mar.2010/jun.2010.

MANDIS, Steven G. *The Real Madrid way: How values created the most succesful team on the planet*. BenBella Books, Inc.: Dalas, 2016.

SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

[5] Roberto Carlos (6 milhões de euros vindo da Internazionale de Milão), contratado em 1996; Luís Figo (61 milhões de euros vindo do FC Barcelona), contratado em 2000; Zinedine Zidane (75 milhões de euros vindo da Juventus), contratado em 2001; Ronaldo (45 milhões de euros vindo da Internazionale), contratado em 2002; David Beckham (35 milhões de euros vindo do Manchester United), contratado 2003; E Sergio Ramos (27 milhões de euros vindo do Sevilla), contratado em 2005.

SOTO, Alejandro Quiroga Fernández. *Goles y bandera – Fútbol e identidades nacioanles en España*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2014.